

# CORPO E COMUNICAÇÃO: SINTOMA DA CULTURA.

Lucia Santaella.  
São Paulo, 2004. 161 p.

Resenhista

**Prof. Ms Fernando Luiz Monteiro de Souza**

Professor do IMES e Mestre em Ciência Política pela USP.

Lucia Santaella, na obra *Corpo e comunicação*, coloca o leitor diante dos debates em torno do corpo, da tecnologia, da arte e da cultura pós-modernidade. Para isso, a autora desenvolve toda a sua interlocução com Foucault, Deleuze, Guattari e outros autores da vertente pós-estruturalista, juntamente com artistas plásticos: Lygia Clark, Hélio Oiticica, Diana Domingues entre outros.

A leitura não se mostra tão fácil para um leitor não iniciado nos temas da pós-modernidade, no entendimento do corpo, da informação, no campo da Antropologia e da Psicanálise; muitas vezes o discurso parece ser um tanto abstrato e hermético.

Dadas estas considerações, o livro tem várias qualidades, sendo a principal a coragem de enfrentar um tema tão complexo e desafiador, sem cair em uma argumentação simplista e retórica. Por isso, a obra se mostra como um desafio, também, para o leitor.

Logo no início a autora toca em um dos temas mais caros ao pensamento moderno, ou seja, a idéia de sujeito, da subjetividade e do corpo confrontados com a complexidade cultural do novo milênio. Foi desenvolvida uma ampla discussão sobre a percepção dos novos ângulos na interpretação da subjetividade e do corpo humano e o questionamento das noções modernas de sujeito e racionalidade, do universal, da idéia de identidade

fixa, com base nos argumentos dos pós-estruturalistas.

Ocorrem as interrogações sobre a noção de sujeito e da noção ontológica do corpo: O que é o ser? O vivo? Quais são os limites que demarcam essas construções? Os argumentos buscam analisar como pode ser constituída uma nova percepção sobre a subjetividade e o corpo.

Com o intuito de aprofundar-se, a autora percorre todo o caminho sobre a forma da percepção humana no campo da biologia e aponta os contrastes com o filme *Matrix*, revelando todo o aparato biotecnológico na captação dos sentidos e seu desenvolvimento em relação ao ciberespaço. Deslumbra-se todo o corpo sensorio-cognitivo do cibernauta, imerso nos nexos e estruturas hipermediáticas; investiga-se de forma aprofundada os sistemas háptico (tato) e o visual (olhar), a presença ativa ou passiva do indivíduo em todo o processo de percepção e mobilidade do ambiente virtual.

Na sequência, os argumentos de Santaella são dirigidos à análise do conceito de corpo biocibernético, de sua definição ética e dos novos contornos dos corpos humanos em relação aos Cyborgs e à Cibernética. Para ampliar as fronteiras do debate e captar novos ângulos, a autora insere a discussão sobre a construção cultural do corpo no universo das artes; abre-se, então, a perspectiva do corpo e as expres-

sões da arte desde os anos 70, até as recentes conquistas da cibernética. É uma busca sobre a centralidade do corpo em relação a sua resignificação pela biocibernética no campo da arte.

O livro aponta como os diversos avanços tecnológicos tornaram-se uma força perturbadora das noções tradicionais sobre o corpo, sua estabilidade, sua identidade unitária e limites. No exemplo da arte de vanguarda, ocorre a expressão e a junção das interfaces entre o biológico, o tecnológico e o humano, gerando uma classificação de corpos cibernéticos: tipos e subtipos. Tal conjunto termina por corroborar para análise e crítica da idéia de ser vivo e a biotecnologia.

Nos últimos capítulos do livro são apontados os efeitos do poliformismo do corpo presente na volatilidade da moda e nas ações do mercado capitalista. São os subprodutos dos corpos que a mídia passa a angariar em novas imagens de subjetividade, constituindo o sonho do corpo e o que se espera ser sonhado pela coletividade. Define-se não só o belo sobre o corpo, mas, também, o admirável dentro de uma expectativa narcisista. O corpo, em uma linguagem psicanalítica, torna-se um sintoma da cultura, passa a ser o extremo da percepção do gozo, da sensação e de uma dissociação do ser, compondo a areia que escapa das mãos, para quem acredita ter agarrado os grãos um dia.